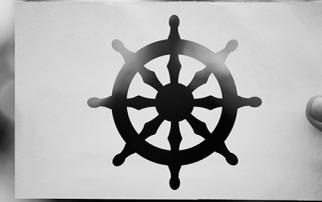


Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho
(Organizadores)



Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho
(Organizadores)



Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia e ciência da religião: agenda para discussão 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Vanessa Alves Pereira, Sonellaine de Carvalho. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-541-9

DOI 10.22533/at.ed.419202810

1. Teologia. 2. Ciência. 3. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). III. Carvalho, Sonellaine de (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O momento em que vivemos, marcado pela primeira onda mundial do COVID-19 tem levado muitas pessoas a refletirem sobre a vida. O diálogo religioso tem sido, nesses momentos difíceis acalento para muitas pessoas. Mesmo, sabendo que historicamente as Ciências da Religião e a Teologia, possuem identidades e trajetórias próprias, porém, não indiferentes entre si, arriscamos dizer que nesse contexto abstruso, através da “fé e da razão” vêm colaborando na religiosidade das pessoas. No discurso teológico de São Tomás de Aquino a “fé e a razão” aparecem como valores intrincados com o conhecer da verdade, e nos contextos de hoje, marcado pelo isolamento social, o conhecer nos leva a verdade do outro e a verdade sobre nós mesmos. Reflexões sobre a vida, o ser humano, a morte, o sagrado têm sido perenes nesse período de isolamento.

Um dos caminhos utilizados pelas pessoas nesse contexto pandêmico, é o da leitura. Uma boa leitura, sempre fez bem ao corpo e a alma. A partir dessas premissas apresentamos a obra - **Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2** -. Uma obra com 11 textos diversificados, oriundos de pesquisas, investigações de vários autores e de vários contextos. Tais elementos, tornam esta obra rica em reflexão gravitando em eixos como (Bíblia Hebraica, Confessionalidade, Congar, Eclesiologia, Gênero. Morte, Narrativas Bíblicas, Paradigmas, Peregrinos, Preservação, Religião, Santo, Tempos, Teologia, Tolerância. Xintoísmo, etc.) cujos diálogos ora perpassam pelos liames das Ciências da Religião, ora pela Teologia. Deixamos aqui o convite, para leiam e apreciem a obra.

Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMAGEM FEMININA NA ASSEMBLEIA DE DEUS – MISSÕES: UM PANORAMA DE COMO QUADROS TEÓRICOS PERMITEM COMPREENDER POSSÍVEIS TENSÕES ENTRE AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO ASSOCIADAS AO FEMININO	
Ana Luíza Gouvêa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.4192028101	
CAPÍTULO 2	13
A LITERATURA INFANTIL AFRICANA: ROMPENDO COM A CULTURA HEGEMÔNICA	
Mônica Abud Perez de Cerqueira Luz	
DOI 10.22533/at.ed.4192028102	
CAPÍTULO 3	28
A PRÁTICA RELIGIOSA E A MORTE NA MEMÓRIA DOS IMIGRANTES JAPONESSES	
Tomoko Kimura Gaudioso	
André Luis Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.4192028103	
CAPÍTULO 4	41
A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO RELIGIOSO: UM OLHAR SOBRE A MANUTENÇÃO E/OU RESTAURAÇÃO DA IGREJA SÃO TIAGO MAIOR DE LÂNDANA (CABINDA/ANGOLA)	
Joaquim Paka Massanga	
DOI 10.22533/at.ed.4192028104	
CAPÍTULO 5	54
A REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICO-LITERÁRIA DA MADEIRA DE ACÁCIA NO ÂMBITO DAS LOCAÇÕES CÊNICAS DAS NARRATIVAS BÍBLICAS	
Petterson Brey	
DOI 10.22533/at.ed.4192028105	
CAPÍTULO 6	63
A SERVIÇO DO QUE SE MOVE: A TRADIÇÃO CAMBIANTE DA FESTA DOS SANTOS PEREGRINOS	
Andiara Barbosa Neder	
DOI 10.22533/at.ed.4192028106	
CAPÍTULO 7	77
AS MISSÕES PROTESTANTES NA AMÉRICA LATINA E SEU IDEÁRIO POLÍTICO	
Dora Deise Stephan Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.4192028107	

CAPÍTULO 8.....	90
O PARADIGMA TRADICIONAL DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: O DESAFIO DA DOCÊNCIA TEOLÓGICA CONFESSIONAL	
Davi Marreiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4192028108	
CAPÍTULO 9.....	102
PARALELO ENTRE O PENSAMENTO DE YVES CONGAR E OS DOCUMENTOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA EM MEDELLIN: SUA RELAÇÃO COM A <i>LUMEN GENTIUM</i> E GAUDIUM ET SPES DO CONCÍLIO VATICANO II	
Ailton Bento Araruna	
Edilberto Cavalcante Reis	
DOI 10.22533/at.ed.4192028109	
CAPÍTULO 10.....	109
RELIGIÃO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO NO ESPAÇO PÚBLICO CONTEMPORÂNEO	
Sérgio Murilo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.41920281010	
CAPÍTULO 11.....	119
SINAIS DOS TEMPOS EM “TEMPOS LÍQUIDOS”: DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI	
Ademilson Tadeu Quirino	
Ligja Maria dos Reis Matos	
DOI 10.22533/at.ed.41920281011	
SOBRE OS ORGANIZADORES	135
ÍNDICE REMISSIVO.....	137

SINAIS DOS TEMPOS EM “TEMPOS LÍQUIDOS”: DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI

Data de aceite: 27/10/2020

Ademilson Tadeu Quirino

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Ligia Maria dos Reis Matos

Fundação Educacional de Caratinga e Iniciação Teológica, pela PUC-RJ
Academia Caratinguense de Letras
Academia de Letras de Teófilo Otoni

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo, refletir sobre os “sinais dos tempos” em “tempos líquidos”, como desafios para o século XXI e os caminhos apontados pelo Papa Francisco, sem deixar de levar em consideração a reflexão do Concílio Ecumênico Vaticano II, como também o pensamento do teólogo José Comblin e do sociólogo Zygmunt Bauman. Tivemos como escopo verificar elementos que apontam para reflexões profundas sobre os sinais dos tempos em uma cultura alimentada pelo consumo obsessivo compulsivo. Uma estrutura do descartável e do aceleração da exclusão social. Buscamos ressaltar a questão do fenômeno das migrações e o apelo do Papa Francisco para a sociedade do mundo contemporâneo, salientando a influência do pontificado de Francisco nas questões sociais, econômicas, políticas e religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: Sinais dos tempo; tempos líquidos, Papa Francisco.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the "signs of the times" in "liquid times", as challenges

for the 21st century and the paths pointed out by Pope Francis, while taking into account the reflection of the Second Vatican Ecumenical Council, as well as the thought of theologian José Comblin and sociologist Zygmunt Bauman. We had as scope to verify elements that point to deep reflections on the signs of the times in a culture fueled by obsessive compulsive consumption. A structure of disposable and accelerating social exclusion. We seek to highlight the issue of the phenomenon of migration and the appeal of Pope Francis to the society of the contemporary world, emphasizing the influence of Francis' pontificate on social, economic, political and religious issues.

KEYWORDS: Signs of time; liquid times, Pope Francis.

1 | INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo, visitar alguns documentos do Vaticano II, do magistério da Igreja, algumas obras do Teólogo José Comblin e do Sociólogo Zygmunt Bauman, para refletir sobre os “sinais dos tempos” em “tempos líquidos”, como desafios para o século XXI e os caminhos apontados pelo Papa Francisco.

Verificar elementos que apontam para reflexões profundas sobre os sinais dos tempos em uma cultura alimentada pelo consumo obsessivo compulsivo. Uma estrutura do descartável e de aumento da exclusão social.

A pesquisa reflete a questão do fenômeno das migrações e o apelo do Papa

Francisco para a sociedade do mundo contemporâneo, salientando a influência do pontificado de Francisco nas questões sociais, econômicas, políticas e religiosas.

2 I SINAIS DOS TEMPOS: JOÃO XXIII E VATICANO II

No Dicionário do Concílio Vaticano II, o verbete sobre os sinais dos tempos, apresenta as seguintes variantes: “sinal do tempo”, “sinal dos tempos”, “sinais do tempo” e “sinais dos tempos” que se encontram desde a preparação do Concílio Vaticano II, na literatura teológico-pastoral, sendo que a última variante corresponde ao texto bíblico de Mt 16,3 onde os fariseus e saduceus vão até Jesus e pedem um sinal do céu, para pô-lo a prova e Jesus então dá a seguinte resposta: “Ao entardecer dizeis: Vai fazer bom tempo, porque o céu está avermelhado; e de manhã: hoje teremos tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. O aspecto do céu, sabeis interpretar, mas os sinais dos tempos, não sois capazes” (Mt 16,2-3)!¹

Ao sentido dos “sinais dos tempos” não se impôs uma leitura unívoca. Seu significado depende do lugar onde está o respectivo intérprete ou melhor, a leitura dos sinais dos tempos sofre influência e interpelação a partir do lugar social do leitor.

Pensar os sinais dos tempos, a partir do lugar social de cada pessoa, com seu conforto e desconforto, pode levar a uma univocidade interpretativa dos sinais dos tempos que questiona sobre a possibilidade de uma leitura interclassista e intercultural entre diferentes setores eclesiais que porfiam na assunção da causa maior do Reino de Deus. Em diferentes contextos e tempos, o Verbo encarnado dá sinais de sua presença e lembra da tensa missão de estar no mundo sem ser do mundo².

Desde os primeiros séculos do cristianismo e a assunção seletiva da modernidade, encontra-se como entreposto histórico, a cristandade ocidental, herdeira da era constantiniana, na qual a Igreja se aliou ao Estado para exercer sua hegemonia política, o controle social e a exclusividade simbólica. Quando chegou o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica já havia perdido várias destas prerrogativas da era constantiniana, mas não o privilégio cultural da época (língua, hierarquia, indumentária litúrgica, centralização). O Vaticano II se deu conta de que a cristandade não é a Igreja e que com sua despedida pode surgir a possibilidade de uma Igreja mundial e plural, deixando de ser uma Igreja colonizadora³.

A ruptura do Vaticano II com a cristandade significou “assunção da pós modernidade”, os sinais dos tempos são os indicadores desse novo tempo, mas a regressão coletiva pode ser um sinal do tempo, um fenômeno que marca determinado

1 Cf. SUESS, Paulo. “Sinais dos Tempos” In. PASSO, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (coordenação). Dicionário do Concílio Vaticano II. São Paulo, Paulus, 2015. p. 895.

2 Cf. Ibid., p. 895.

3 Cf. Ibid., p. 895.

tempo e que como tal é conhecido e assumido por um setor da comunidade eclesial. Constata-se que, na maioria das comunidades religiosas, convivem fundamentalismo e progressismo, teologia da prosperidade e da libertação.

A utilização do termo “sinais dos tempos” (Mt 16,3) teve início com o Papa João XXIII, na Constituição Apostólica, *Humanae Salutis*, em 25 de dezembro de 1961, quando convocou o Concílio Ecumênico Vaticano II. Assim escreveu o Papa João XXIII:

Estas dolorosas averiguações conclamam ao dever da vigilância e despertam o senso da responsabilidade. Almas sem confiança vêm apenas trevas tomando conta da face da terra. Nós, porém, preferimos rearmar toda a nossa confiança em nosso Salvador, que não se afastou do mundo, por ele remido. Antes, mesmo, apropriando-nos da recomendação de Jesus, de saber distinguir “os sinais do tempo” (Mt 16,3), pareceu-nos vislumbrar, no meio de tanta treva, não poucos indícios que dão sólida esperança de tempos melhores para a Igreja e a humanidade. Pois mesmo as guerras sangrentas que se seguiram em nossos tempos, as ruínas espirituais causadas por tantas ideologias e os frutos de experiências tão amargas, não se processaram sem deixar úteis ensinamentos. E o progresso científico, que deu ao homem a possibilidade de criar instrumentos catastróficos para a sua destruição, fez com que se levantassem interrogações angustiosas: obrigou os seres humanos a se tornarem mais ponderados, mais conscientes dos próprios limites, mais desejosos de paz, atentos à importância dos valores do espírito; acelerou o processo de mais estreita colaboração e mútua integração entre os indivíduos, classes e nações, à qual, embora entre mil incertezas, parece já encaminhada a família humana⁴.

O Pontífice é incisivo quando afirma, em sua Constituição Apostólica, que os sinais dos tempos são sinais “que dão sólida esperança de tempos melhores para a Igreja e a humanidade” (HS 4). O papa compreende os sinais dos tempos como uma ruptura entre a proposta de Jesus e a proposta do poder religioso concentrado no templo de Jerusalém. Essa compreensão permite interpretar o pensamento de João XXIII, como ruptura entre a cristandade e a assunção de um tempo pós cristandade. Uma ruptura com dimensões culturais e políticas. Aqui está um paradigma (sinais dos tempos), que foi introduzido nos anos de 1960 e que é interpretado como metáfora e proposta a uma escuta atenta, não de uma voz ameaçadora que anuncia o fim do mundo, mas da voz de Deus na realidade histórica de hoje.

Vale lembrar que sete meses antes da *Humanae Salutis*, João XXIII, já havia assumido a realidade histórico social das questões do mundo, como lugar teológico através do método Ver, Julgar e Agir. Assim escreve, o Papa, na sua Carta Encíclica *Mater et Magistra*, em 15 de maio de 1961:

⁴ Para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes
4 *Humanae Salutis*, n. 4.

sociais, passa-se ordinariamente por três fases: estudo da situação; apreciação da mesma à luz desses princípios e diretrizes; exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e as diretrizes à prática, segundo o modo e no grau que a situação permite ou reclama. São os três momentos que habitualmente se exprimem com as palavras seguintes: ver, julgar e agir⁵.

Os sinais dos tempos são a síntese deste método que exige um olhar histórico atento (Ver), crítico (Julgar) e pastoral (Agir) que permitiu ao Vaticano II colocar a Igreja nos trilhos da história, das sociedades e das culturas. *Aggiornamento* e sinais dos tempos, são como gêmeos. O *aggiornamento* é a práxis apontada pelos sinais dos tempos. É o *Kairós* que geralmente nasce fora de uma Igreja apologética, preocupada com sua identidade em oposição ao mundo. O Concílio toma para si a tarefa, na base da sólida esperança, embutida nos sinais dos tempos, de renovar a Igreja e fortalecer a humanidade⁶.

Já na Carta Encíclica *Pacem in Terris*, de 11 de abril de 1963, o papa João XXIII, dois meses antes de sua morte, utiliza a metáfora dos sinais dos tempos para mostrar uma categoria base de seu pensamento como testamento para o Vaticano II. Esta Encíclica com o seu paradigma sinais dos tempos encontrou aceitação positiva além das fronteiras eclesiais. As críticas surgiram, sobretudo, do âmbito do Conselho Ecumênico das Igrejas. Os sinais dos tempos interpretados como sinais históricos no “aqui e agora” fariam desaparecer quase por completo seu sentido escatológico original⁷.

Após a morte de João XXIII, é eleito Paulo VI, que retoma as atividades do Concílio Ecumênico Vaticano II. Em sua Carta de convocação para a segunda sessão do Concílio, em 14 de setembro de 1963, assim escreve:

Compreendendo bem os sinais e as exigências dos tempos atuais, nosso predecessor o Papa João XXIII, cuja piedosa lembrança está sempre viva em nós e no seio de toda a família cristã, com muita confiança e ousadia empreendeu esta obra grandiosa que é o Concílio Ecumênico Vaticano II. Estamos todos no pleno direito de pensar haver sido ele levado a isso por um impulso especial da divina Providência, que ‘tudo dispõe com suavidade’ (1 *Sab.* 8,1) e sapientissimamente provê ao bem da Igreja, conforme as suas necessidades... E é por isso que, desejosos de continuar com fervor não menor aquilo que com tanto ardor foi começado, pela presente carta, venerável Irmão, te convocamos para a continuação do Concílio Ecumênico Vaticano II, cuja segunda sessão, como sabes, cometerá a 29 de Setembro próximo⁸.

5 *Mater et Magistra*, n. 35.

6 Cf. SUESS Paulo. “Sinais dos Tempos”. In. PASSO, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (coordenação). *op. cit.* p. 897.

7 Cf. *Ibid.*, p. 897.

8 PAULO VI, Papa. Carta de Convocação para segunda sessão do Concílio. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/letters/1963/documents/hf_p-vi_let_19630914_concilio.html. Acesso em: 18/07/2020.

O Papa Paulo VI, em sua Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, de 06 de agosto de 1964, assume a palavra visionária do aggiornamento como orientação programática e a confirma como critério diretivo do Concílio Ecumênico e como estímulo à sua capacidade sempre atenta a descobrir os sinais dos tempos. Ele afirma:

A palavra, hoje famosa, do nosso venerado predecessor João XXIII de feliz memória, a palavra “atualização”, sempre a termos presente como orientação programática; confirmamo-la como critério diretivo do Concílio Ecumênico e continuaremos a recordá-la como estímulo à vitalidade sempre renascente da Igreja, à sua capacidade sempre atenta a descobrir os sinais dos tempos, e à sua agilidade sempre juvenil de sempre e em toda a parte “tudo provar e de tomar para si o que é bom (1Ts 5,21)⁹.

Com a Encíclica *Ecclesiam Suam*, aggiornamento e sinais dos tempos ganharam uma porta aberta para a tese final do Concílio. Neste contexto do Vaticano II, a Igreja iniciou a passagem da cristandade para o tempo da pós-cristandade, do mundo rural para o mundo urbano, a mudança do método dedutivo para o método indutivo, a metamorfose de uma mestra à aluna, de uma instituição exclusivamente mediadora da graça para o mundo a uma instituição também receptora da graça através do mundo¹⁰.

A Constituição Pastoral, *Gaudium et Spes*, afirma que é missão e dever da Igreja perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do evangelho, de maneira adaptada a cada geração, a respeito das perguntas do sentido da vida presente e futura, e da relação entre ambas. Fala da necessidade de conhecer o mundo em que se vive, com suas esperanças, aspirações e seu caráter dramático. Salienta a nova fase da história com suas profundas e rápidas transformações provocadas pelo homem, sobre seus juízos e desejos coletivos e individuais, seu modo de pensar com relação às coisas e às pessoas, uma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa¹¹.

Ainda sobre a condição do homem no mundo de hoje, com suas esperanças e angústias, afirma a *Gaudium et Spes*: “nunca o gênero humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio econômico; e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria, e inúmeros são ainda os analfabetos”¹². Constata o novo sentido de liberdade do homem de hoje e o surgimento das novas formas de servidão social e psicológica. Quando a *Gaudium et Spes* fala sobre a Igreja e a vocação do homem diz que o “povo de Deus, levado pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito

9 *Ecclesiam Suam*, n. 27.

10 Cf. SUESS Paulo. “Sinais dos Tempos”. In. PASSO, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (coordenação). *op. cit.* p. 898.

11 Cf. *Gaudium et Spes*, n. 4.

12 *Gaudium et Spes*, n. 4.

do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações em que participa juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus”¹³.

Percebe-se que “perscrutar os sinais dos tempos” e “interpretá-los à luz do Evangelho” é a chave de leitura de um vasto leque de ruptura epistemológica e sistêmica e continuidade modernizante da *Gaudium et Spes*.

3 I SINAIS DOS TEMPOS EM JOSÉ COMBLIN: DESAFIOS AOS CRISTÃOS SÉCULO XXI

O teólogo, José Comblin, falecido em 27 de março de 2011, na cidade de Barras-BA, trouxe grandes contribuições para as reflexões teológicas deste século XXI. Neste item, a pesquisa ater-se-á, apenas, às seguintes obras de Comblin: “Desafios aos cristãos do século XXI”, “Desafios da cidade no século XXI” e “Quais os desafios dos temas teológicos atuais quando se refere aos sinais dos tempos”.

Comblin, destaca que o “mundo dos excluídos veio para ficar. Ele é produzido pelo sistema econômico atual, que vai gerando cada vez mais exclusão”¹⁴. Um cenário que parte da população consegue entrar no novo mundo da economia e outra parte não. A distância cultural aumenta entre os que têm condições de vida melhores e os que não têm condições de vida digna. Esse sistema econômico domina o mundo todo e cresce sem parar.¹⁵ Ele apresenta algumas reflexões e questionamentos para estes desafios:

- a. Os excluídos não vão desaparecer, porque conseguem sobreviver encontrando brechas no sistema e meios de subsistência. Vivem das migalhas dos poderosos. Eles formam um mundo próprio, com sua cultura e relações sociais. Vivem de uma economia informal. Abrem-se ao mundo sem criar comunicação com o mundo. Eles estão hoje na cidade, desintegrados e fragmentados da cultura dominante, reinterpretam em uma nova cultura a exibição da cultura dominante¹⁶.
- b. A Igreja continua repetindo o discurso da opção pelos pobres e excluídos, mas está distante da realidade. Nota-se uma opção pelos incluídos, perdendo o contato com os excluídos. Um discurso que esconde a realidade e tranquiliza a consciência. A Igreja concentra suas forças em dois pólos: nos movimentos que crescem e florescem cada vez mais e nas paróquias urbanas. Nos movimentos estão adaptados à cultura dos incluídos. Uma tarefa para os movimentos do século XXI é o surgimento de vocações missionárias capazes de descer ao mundo dos excluídos.

13 *Gaudium et Spes*, n. 11.

14 COMBLIN José. *Desafios aos cristãos do século XXI*. São Paulo, Paulus, 2011. p. 7.

15 Cf. *Ibid.*, p. 7.

16 Cf. *Ibid.*, pp. 9-10.

Nas paróquias urbanas reúnem as pessoas do mundo dos incluídos. Inúmeras atividades pastorais ocupam o tempo dos melhores vigários. Não sobra tempo para cruzar a fronteira e ir ver o que está acontecendo com o seu vizinho de território paroquial. A visibilidade das igrejas e capelas não é muito grande. Uma família que mora a 100 metros da capela é ignorada, assim como é ignorada a presença das igrejas pentecostais que estão na mesma rua¹⁷.

- c. As CEBs não são a presença da Igreja no e do mundo dos excluídos porque não têm mais aquela importância que já tiveram. O seu espaço na dinâmica das dioceses é muito limitado. Outro aspecto é porque as CEBs estão ligadas ao mundo rural distante da matriz. No mundo urbano, apesar de concentrar o maior número de excluídos, as CEBs, não se multiplicam mais. Quem dela participa são agentes de promoção social que têm mais possibilidade de ascensão social para entrar no mundo dos incluídos. Não se pode negar a presença de parte das CEBs que são a Igreja no mundo dos excluídos. O desafio é a presença da Igreja no mundo dos excluídos. Não basta a utopia de uma nova civilização do amor. A utopia é necessária para manter a esperança, mas não basta. É necessário presença no mundo dos pobres. Trata-se de voltar às origens uma vez que houve afastamento delas. É assim que pensa a maior parte dos religiosos, que são pobres porque fizeram o voto de pobreza. É necessário uma nova CEBs que nasçam dos verdadeiros excluídos para ser fiel ao seu programa. Novos membros que pertencem realmente aos novos excluídos¹⁸.
- d. A presença da Igreja no mundo dos excluídos deve ser uma presença física alegre, de uma vida de ressuscitados que apesar dos sinais de morte, testemunham o Cristo ressuscitado. Os gestos de evangelização devem nascer de suas atitudes no meio dos pobres e excluídos, como Deus fez por meio de seu Filho Jesus. Nas misérias e nos piores lugares humanos Deus desceu. Nem todos na Igreja têm vocação missionária para fazer essa viagem, mas os que têm a Igreja deve apoiar, reconhecer e confiar nas obras do Espírito Santo. Precisa reconhecer a autonomia dos pobres para viver e crescer na sua cultura de pobres¹⁹.
- e. Conhecer a cultura do mundo dos excluídos, sua miséria física, moral. Requer primeiramente aprender a conhecer este ambiente de excluídos e miseráveis, onde Deus está presente e o Espírito atua. O missionário deve chegar nesse ambiente com sua pobreza total de ideias e projetos.

17 Cf. *Ibid.*, pp. 10-12.

18 Cf. *Ibid.*, pp. 13-17.

19 Cf. *Ibid.*, pp. 17-19.

O que for para ser feito será dito pelos próprios excluídos e pelos sinais da presença de Deus aí presentes. Faz-se necessário desfazer-se das ideologias para poder conhecer a cultura dos excluído por contato direto, imediato, vendo e, sobretudo, escutando²⁰.

- f. O que fazer? Nem tudo se pode fazer. Sempre haverá aspectos positivos e negativos. O que se pode fazer hoje parece um paliativo, mas esse paliativo pode melhorar muito a vida dos excluídos. O que se constata é a ausência dos padres no meio dos excluídos. Afirmar que essa é uma tarefa dos leigos é hipocrisia. Os padres conservam o poder. Graças a Deus há membros no clero que se comprometem. O que se percebe é que, se o clero não assumir positivamente novas lutas sociais, os excluídos ficarão desamparados sem condições de reagir²¹.

Os desafios para os cristãos do século XXI, ao presentes no novo modelo de sociedade, aristocrática, econômica e financeira. Não produz, só investe o dinheiro dos pobres, coloca a política a serviço dos interesses de uma classe que vive mentalmente em “Nova Iorque”. Hoje as pessoas trabalham relacionando-se com outras pessoas e diminuem muito o trabalho com máquinas e ferramentas. Formam uma categoria de pessoas que dependem totalmente uma das outras pessoas às quais devem agradar. O mais importante é agradar e convencer o outro de que o seu serviço vale, o que não oferece segurança do emprego nem garantia de um futuro melhor para o trabalhador²².

Com relação à dignidade humana, o que lhe confere valor é o seu agir. Esse agir expressa personalidade, liberdade e dignidade humana. Nesse sentido a vocação cristã confere dignidade à medida que liberta a pessoa e a torna capaz de agir a serviço de seu próximo. Para se chegar a uma autêntica consciência da dignidade humana é necessário educação para a liberdade. Neste contexto, pode-se pensar na família, na segurança, e no trabalho.

3.1 Sinais dos tempos nesta cultura desafiadora do século XXI

Há duas maneiras da Igreja enxergar os desafios hoje, segundo Comblin: a) Contemplar o desafio do evangelho mediante o questionamento de como, onde, quando se pode anunciá-lo na nova situação cultural, numa sociedade conduzida por um novo sistema de valores que está substituindo a cristandade; b) uma vez que a Igreja perdeu o espaço para a nova cultura, como reconquistar esse espaço, recuperar o prestígio perdido e a audiência que teve durante tantos séculos?²³ Aí está a complexidade dos desafios da Igreja na pós-modernidade.

20 Cf. *Ibid.*, pp. 19-20.

21 Cf. *Ibid.*, pp. 21-29.

22 Cf. *Ibid.*, pp. 29-36.

23 Cf. *Idem. Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo, Paulus, 2011 p. 36.

A reflexão de Comblin traz novas luzes sobre os “sinais dos tempos”, tema lançado por João XXIII. O tema, segundo ele, não desapareceu, no entanto, a interpretação desses sinais é bastante diversa. Para os movimentos de direita, os tempos são favoráveis para a Igreja. Diante da morte das ideologias, desafios do *marketing*, os caminhos estão abertos e o tempo é favorável para reconquistar o poder perdido durante a modernidade. Não há dúvida que essa foi a interpretação do Papa João Paulo II, nos primeiros anos de seu pontificado até a queda do império soviético. As desilusões foram sentidas rapidamente. O Papa e a burocracia do Vaticano acharam que o triunfo da Igreja estaria próximo, até os últimos anos do século XXI²⁴.

Surgem então alguns questionamentos: Que tipo de cristianismo a burguesia quer instalar na Igreja? O que fazer com os pobres? Uma vez que a Igreja tiver acumulado um grande poder temporal, como vai fazer para conquistar as consciências?²⁵

A partir destas questões elencadas por Comblin, vale ressaltar a sua reflexão sobre os sinais dos tempos, 40 anos depois do Concílio Vaticano II: “há outra interpretação dos sinais dos tempos, que não parte dos sinais de êxito ou de triunfo temporal da Igreja, mas que provém da lembrança do Vaticano II. Em 40 anos, a cúria romana conseguiu destruir as vertentes principais do Vaticano II. Esse é um sinal poderoso.” Isso significa que todas as esperanças levantadas pelo Vaticano II se apagaram. Novamente atravessando a noite escura e retornando ao final do Papado de Pio XII. A Igreja perdeu o contato com a modernidade e ignora a pós-modernidade. A hierarquia busca poder, como nos tempos da cristandade. Não entende o porquê do anticlericalismo dos católicos da Europa e dos Estados Unidos e nem a evasão de católicos para as Igrejas pentecostais. Contenta-se com o resto que ainda tem e entrega o seu futuro aos movimentos direitistas²⁶.

No quadragésimo aniversário do Concílio Vaticano II, Comblin, destaca alguns sinais dos tempos, do mundo pós-moderno. O desafio do imperialismo é um dos sinais dos tempos. O outro é o tipo de civilização e de sociedade humana que o império dissemina, usando todos os recursos das técnicas de comunicação no mundo inteiro. A civilização individualista americana tende a destruir todos os laços de solidariedade. A busca do dinheiro de modo individualista é a lei social básica. A religião é também um bem de consumo e está submetida aos critérios da rentabilidade. Ela deve oferecer satisfações imediatas, de tal modo que o consumidor de bens religiosos sinta que o que recebe vale o dinheiro investido²⁷.

As elites acolhem o império americano como um grande valor, porque

24 Cf. Idem. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* São Paulo, Paulus. 2005, p. 87.

25 Cf. *Ibid.*, pp. 88-89.

26 Cf. *Ibid.*, p. 90.

27 Cf. *Ibid.*, p. 92.

estão associadas aos seus privilégios. Essa civilização do consumo, da satisfação imediata e do dinheiro penetra em todos, deixando as pessoas contaminadas sem que se deem conta. Esse consumismo individualista contradiz o evangelho de Jesus Cristo. O domínio dessa nova civilização ocidental é tão forte que as grandes massas já foram conquistadas. Neste contexto a libertação dos pobres é uma ameaça à civilização do consumo. Parece que as faltas contra algumas regras litúrgicas são mais graves e mais importantes do que essa nova civilização do consumo e do dinheiro²⁸.

Esses sinais dos tempos são muito mais sérios que os sinais presentes na época do Vaticano II. No entanto, a situação de destruição da solidariedade humana é muito mais grave. Nunca se falou tanto em solidariedade com tamanha hipocrisia. Pode-se dizer que esta é uma época da hipocrisia tecnológica e científica, onde se vive uma mentira cientificamente elaborada, com discurso fabricado. O impacto da nova cultura ocidental deveria ser um tema teológico de primordial importância. A questão permanece aberta. Quem se habilita a procurar resposta? Questiona Comblin²⁹.

4 | SINAIS DOS TEMPOS EM TEMPOS LÍQUIDOS NA ERA BAUMAN E PAPA FRANCISCO

O sociólogo Zygmunt BAUMAN³⁰, em sua obra *Modernidade líquida*, onde cunhou a célebre nomenclatura para a sociedade moderna: “*Fluidez, liquidez*”³¹, destaca essa nomenclatura como uma metáfora principal para definir a presente era da modernidade. Em várias obras posteriores a esta, tais como: *Amor líquido*, *Medo líquido*, *Vida líquida*, *Tempos líquidos*, *Vigilância líquida*, *Cultura do mundo líquido moderno* e *44 Cartas do mundo líquido moderno*, Bauman aprofunda esta reflexão. Antes de ressaltar o que é líquido para o pensamento de Bauman, ressaltaremos as características que ele apresenta no prefácio de sua obra *Modernidade Líquida*.

As características dos fluidos mostram que os líquidos, diferentemente dos sólidos não mantêm sua forma com facilidade. Eles não fixam o espaço nem se prendem no tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo, os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos a mudá-la; o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; o que, afinal

28 Cf. *Ibid.*, pp. 92-93.

29 Cf. *Ibid.*, pp. 93-94.

30 Sociólogo polonês, nasceu em 19 de novembro de 1925, emigrou para a Inglaterra, depois de passar pelo Canadá, EUA e Austrália. Grande pensador da modernidade, a qual qualificou tão bem com o célebre conceito de “liquidez”. Professor emérito de Leeds e Varsóvia e Autor de várias obras.

31 “Fluidez” é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a Enciclopédia britânica, informa, é que eles não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis e assim sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão (*Modernidade Líquida*, p. 7).

preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo, já os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa³².

Os fluídos movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Quando os fluídos encontram com os sólidos os alteram, molhando-os ou encharcando-os. A mobilidade extraordinária dos fluídos é o que os associa à ideia de “leveza”. Há líquidos mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tende-se a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associa-se “leveza” ou ‘ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabe-se pela prática que quanto mais leve viaja, com maior facilidade e rapidez se move. Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando se quer captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade³³.

Segundo Bauman, seria imprudente negar a profunda mudança que o advento da modernidade fluída produziu na condição humana³⁴. Quando se refere ao modelo fordista diz que ele era a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase, “sólida”. Estar na Ford era ter a vida ganha³⁵. Pode-se dizer que a sociedade líquida moderna é uma sociedade do consumo que tem por premissa satisfazer os desejos humanos de uma forma que a sociedade do passado não conseguiu realizar ou sonhar. É uma promessa de satisfação que só permanecerá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado. Essa sociedade do consumo consegue tornar permanente a insatisfação³⁶.

Outra questão apresentada por Bauman é a sociedade do “medo líquido”, o espectro do planeta negativamente globalizado, onde todos estão em perigos e todos são perigosos uns para os outros. Ele diz que nesta sociedade do medo há apenas três papéis a desempenhar: “perpetradores, vítimas e ‘baixas colaterais’, e não há carência de candidatos para o primeiro papel, enquanto as fileiras daqueles destinados ao segundo e ao terceiro crescem interminavelmente³⁷.

No pensamento de Bauman, sobressai de maneira bem forte o viveiro das incertezas neste novo ambiente da modernidade em tempos líquidos. Ele levanta cinco desafios que possibilitam compreender essa nova cultura dos tempos líquidos:

Primeiro desafio: Passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida”, ou seja, para uma condição em que as organizações sociais não podem mais manter sua forma por muito tempo, pois se decompõem e se dissolvem mais

32 Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001, p. 8.

33 Cf. *Ibid.*, p. 9.

34 Cf. *Ibid.*, p. 15.

35 Cf. *Ibid.*, p. 76.

36 Cf. *Idem*. *Vida líquida*. Rio de Janeiro, Zahar, 2013, pp. 105-106.

37 *Idem*. *Medo líquido*, Rio de Janeiro. Zahar, 2008, pp. 126-128.

rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam³⁸.

Segundo desafio: a separação e o iminente divórcio entre o poder e a política, a dupla da qual se esperava, desde o surgimento do Estado moderno e até muito recentemente, que compartilhasse as fundações do Estado-nação “até que a morte os separasse”. Esse divórcio os leva a “subsidiar” “terceirizar” um volume crescente de funções que desempenhavam anteriormente³⁹.

Terceiro desafio: “A retratação ou redução gradual, embora consistente da segurança comunal, endossada pelo Estado, contra o fracasso e o infortúnio individuais retira da ação coletiva grande parte da atração que esta exercia no passado e solapa os alicerces da solidariedade social”⁴⁰. A comunidade foi destruída, os laços inter-humanos se tornaram mais frágeis e temporários. A exposição dos indivíduos aos caprichos dos mercados de mão de obra e de mercadorias inspira e promove a divisão e não a unidade. Incentivam as atitudes competitivas, ao mesmo tempo em que rebaixa a colaboração e o trabalho de equipe à condição de estratégias temporárias que precisam ser suspensas ou concluídos no momento em que se esgotarem seus benefícios⁴¹.

Quarto desafio: o colapso do pensamento, do planejamento, da ação a longo prazo e o enfraquecimento das estruturas sociais nas quais estes poderiam ser traçados com antecedência levam a um desmembramento da história política e das vidas individuais numa série de projetos e episódios de curto prazo que são, em princípio, infinitos e não combinam com os tipos de sequência aos quais, conceitos como desenvolvimento, maturação, carreira ou progresso poderiam ser significativamente aplicados⁴².

Quinto desafio: responsabilidade em resolver os dilemas gerados por circunstâncias voláteis e constantemente instáveis é jogada sobre os ombros dos indivíduos dos quais se espera que sejam “*free-choosers*” e suportem plenamente as consequências de suas escolhas. A virtude que se proclama servir melhor as regras é a sua *flexibilidade*: prontidão em mudar repentinamente de táticas e de estilo, abandonar compromissos e lealdade sem arrependimento e buscar oportunidades mais de acordo com sua disponibilidade atual do que com as próprias preferências⁴³.

Ao apresentar estes desafios, cabe ressaltar uma reportagem de Fulvio Scaglione com o Sociólogo Bauman, publicando no jornal *Avvenire*, no dia 03 de julho de 2016, sobre a questão das migrações na Europa. A tradução desta entrevista é de Moises Sbardelotto. Perguntado sobre a hostilidade dos europeus com relação

38 Cf. Idem, *Tempos Líquidos*. Zahar, Rio de Janeiro, 2007, p. 7.

39 Cf. *Ibid.* p. 8.

40 *Ibid.* p. 8.

41 Cf. *Ibid.* pp. 8-9.

42 Cf. *Ibid.*, p. 9.

43 Cf. *Ibid.*, p. 10.

aos migrantes e a justificativas desta hostilidade alegando “questões econômicas”, Bauman responde: “Hoje, os europeus têm medo do futuro, perderam a confiança na capacidade coletiva de mitigar os seus excessos e de torná-lo mais amigável” que “o pensamento do futuro, hoje, desperta em nós, mais frequentemente, a ideia de uma catástrofe iminente, mas não a de uma vida mais confortável. E o estrangeiro representa tudo o que há de instável e de imprevisível na nossa vida”⁴⁴.

Ele convida a olhar para os migrantes como um sinal visível e tangível da fragilidade do bem-estar e das suas perspectivas. É muito difícil construir um Estado futuro livre de estrangeiros. Há pesquisas sérias mostrando que os imigrantes contribuem para a riqueza do país de chegada mais do que recebem em termos de serviços sociais. Outros estudos, além das conclusões do bom senso comum, mostram que a desconfiança contra os imigrantes e migrantes é maior onde há um número menor deles. Bauman ainda diz⁴⁵:

Na campanha do referendo para a *Brexit*, os moradores das áreas com menos imigrantes votaram para levar a *Grã-Bretanha* para fora da *Europa*. *Londres*, cidade de infinitas diásporas culturais e étnicas, votou para ficar. A suspeita, portanto, é de que a hostilidade contra os “*aliens*” foi gerada, principalmente, pelo fato de não ter havido a oportunidade de desenvolver a capacidade de interagir com as diferenças. Na falta desta, é fácil que os estrangeiros se tornem o símbolo das forças, reais mas distantes e desconhecidas, que regulam o andamento do mundo e geram aquele sentimento de precariedade que angustia tantos europeus⁴⁶.

Ao falar sobre os muros que estão sendo erguidos para impedir a chegada dos migrantes na “Europa e em outras partes do mundo, Bauman salienta que vive-se uma crise da separação entre poder e política: os poderes se livram do controle da política, e a política perde, assim, o mais importante dos pressupostos para produzir ações efetivas. Mas, acima dessa crise, há outra, a incongruência assinalada pelo sociólogo *Ulrich Beck*: já vivemos em uma condição cosmopolita de interdependência e troca em nível planetário, mas a nossa consciência cosmopolita ainda está nos seus primeiros suspiros. O sociólogo estadunidense *William Fielding Ogburn*, em 1922, em plena época colonialista e imperialista, cunhou a expressão “atraso cultural” para descrever o desconforto dos “selvagens” que eram expostos a uma forte pressão no sentido da modernização, mas ainda eram inocentes em relação à mentalidade moderna. É como se hoje fôssemos nós, os europeus, a levar o bastão na corrida de revezamento entre os continentes, o que gera ansiedade. O mercado, sob a forma de mercadorias e de bens, oferece uma ampla gama de

44 Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Contra a Europa da suspeita e para encontrar saída, escutem o Papa*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/557760-qcontra-a-europa-da-suspeita-e-para-encontrar-uma-saida-escutem-o-papaq-entrevista-com-zygmunt-bauman>. Acesso em 18/07/2020.

45 Cf. *Ibid.*

46 Cf. *Ibid.*

antidepressivos e de “antídoto”. Ele quer empurrar cada um de nós a esculpir um pequeno nicho consolador e bem equipado. Cada um por si, e os outros que se arranjam. Assim, nos cegamos em relação à natureza do nosso problema, em vez de nos ajudar a erradicar as suas causas⁴⁷.

A última questão levantada nesta entrevista foi: como fazer para ajudar os migrantes, ao invés de levantar muros? Bauman responde que há uma personalidade muito determinada para levantar certas questões, e se trata do Papa Francisco que faz isso, aliás, sem ter a pretensão de ter a varinha mágica, mas, ao contrário, convidando a fazer esforços justos, mas que também poderiam fracassar. Ele cita o discurso que o Papa Francisco proferiu no dia 6 de maio de 2016, na entrega do prêmio Carlos Magno, que deveria ser aprendido de cor:

Se há uma palavra que devemos repetir até nos cansarmos é esta: diálogo. Somos convidados a promover uma cultura do diálogo, buscando, com todos os meios, abrir instâncias para que ele seja possível e nos permita reconstruir o tecido social. A cultura do diálogo implica um autêntico aprendizado, uma ascese que nos ajude a reconhecer o outro como um interlocutor válido; que nos permita olhar para o estrangeiro, o migrante, o pertencente a outra cultura como um sujeito a ser ouvido, considerado e apreciado. É urgente para nós, hoje, envolver todos os atores sociais na promoção de uma ' cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, levando adiante a busca de consenso e de acordos, mas sem separá-la da preocupação com uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões' (*Evangelii Gaudium*, 239). A paz será duradoura na medida em que armarmos os nossos filhos com as armas do diálogo, ensinarmos a eles a boa batalha do encontro e da negociação⁴⁸.

Na visão de Bauman, o Papa Francisco quer remover o destino da pacífica convivência dos políticos profissionais e do reino escuro da política, para levá-lo para as ruas, entre as lojas e os escritórios, aos espaços públicos onde todos nós nos encontramos. Ele quer confiar as esperanças do gênero humano não aos generais do “choque de civilizações”, mas a nós, soldados comuns da vida cotidiana. Para que isso aconteça, devem-se realizar outras condições, e o papa nos lembra delas: “A justa distribuição dos frutos da terra e do trabalho humano não é mera filantropia. É um dever moral. Se queremos pensar as nossas sociedades de um modo diferente, precisamos criar postos de trabalho digno e bem remunerado, especialmente para os jovens. Isso requer a busca de novos modelos econômicos mais inclusivos e equitativos, não orientados para o serviço de poucos, mas para o benefício das pessoas e da sociedade. E isso nos pede a passagem de uma economia líquida a uma economia social”. Eu só tenho uma palavra para acrescentar, concluiu Bauman: “amém”⁴⁹.

47 Cf. Ibid.

48 Cf. Ibid.

49 Cf. Ibid.

5 | CONCLUSÃO

O Papa Francisco, neste seu pontificado, tem buscado nos sinais dos tempos, tematizado por João XXIII, ao convocar o Concílio Ecumênico Vaticano enxergar luzes no meio da escuridão. Os sinais dos tempos na “nova cultura” do século XXI, apresentada por Comblin e na “modernidade líquida”, trazida por Bauman, apontam novos caminhos que assustam e amedrontam. O papa Francisco apresenta caminhos, por meio de seu testemunho. Ele faz, e o seu agir estimula a todos a pensar uma sociedade que dialogue, que sai ao encontro do próximo, que cuide da “casa comum” etc. O que pode ser verificado na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, na Carta Encíclica *Laudato Si*, e na Exortação Pós Sinodal *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família. Na *Laudato Si*, uma Encíclica que tem chamado a atenção de todos os setores da sociedade, o Papa explica a escolha tema com estas palavras:

Não quero prosseguir esta encíclica sem invocar um modelo belo e motivador. Tomei o seu nome por guia e inspiração, no momento da minha eleição para Bispo de Roma. Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior⁵⁰.

A reflexão teologia que o Papa traz na *Laudato Si*, tem sido reflexo dentro e fora da Igreja. Ele convoca a humanidade toda a reagir a essa cultura que consome e agride a vida. Haja vista, que muitas pesquisas e iniciativas já estão brotando. No campo acadêmico têm surgido reflexões profundas. Iniciativas concretas já estão aparecendo. Sinal de que as mudanças podem acontecer a partir de uma conversão à pessoa de Jesus e de pequenos gestos de amor ao próximo. Os sinais estão aí. Cabe a nós fazer o que o Mestre pediu: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito e amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,37-38) A vivência do mandamento de Jesus nos pequenos gestos de amor para com o próximo, pode gerar vínculos sólidos numa cultura de encontro e de diálogo neste século XXI, mesmo molhada por elementos de uma sociedade líquida.

50 *Laudato Si*, n. 10.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *A Cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Contra a Europa da suspeita e para encontrar saída, escutem o Papa*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/557760-qcontra-a-europa-da-suspeita-e-para-encontrar-uma-saida-escutem-o-papaq-entrevista-com-zygmunt-bauman>. Acesso em: 18/07/2020.
- COMBLIN, José. *Desafios aos cristãos do século XXI*, São Paulo, Paulus, 2011.
- COMBLIN, José. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais*. São Paulo, Paulus, 2005.
- COMBLIN, José. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo, Paulus, 2011.
- CONCILIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. São Paulo, Paulus, 2002
- JOÃO XXII, Papa. *Constituição Apostólica Humanae Salutis* - Coleção documentos da Igreja. São Paulo, Paulus, 1998.
- JOÃO XXII, Papa. *Carta Encíclica Mater et Magistra* - Coleção documentos da Igreja. São Paulo, Paulus, 1998.
- PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si*, São Paulo, Paulinas, 2015.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo, Paulinas. 2013.
- PASSO, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (coordenação). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo, Paulus, 2015.
- PAULO VI, Papa. Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*. São Paulo, Edições Paulinas, 1964.
- PAULO VI, Papa. Carta de Convocação para segunda sessão do Concílio. Disponível em: http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html. Acesso em: 18/07/2020.

SOBRE OS ORGANIZADORES

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO – Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE/UC Portugal, 2014-2016). Pós-doutorado (em andamento) em Formação de professores, Identidade e Gênero pelo Instituto Politécnico da Escola Superior de Educação de Coimbra ESEC (2017-); Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás PUC/Goiás (2010-2014, CAPES 5); Doutorado em Ensino (em andamento), com objeto de tese na área da Educação Matemática/Desenvolvimento Profissional de Professores e tecnologias pela Universidade do Vale do Taquari/UNIVATES (2018 -, CAPES 4); Doutorado em Educação (em andamento), com objeto de tese na área de Currículo e Identidade Juvenis pela Universidade Luterana do Brasil/ ULBRA (2020 -, CAPES 5); Mestre em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pelas Faculdades EST (2007-2008, CAPES 5). A nível de graduação possui formação multidisciplinar com: Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual de Goiás (2004); Licenciatura em Pedagogia habilitação: séries iniciais, orientação e supervisão escolar, pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais ICSH (2005) e Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Batista Brasileira/FBB (2011). É professor Titular C-II da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior/FIMES/UNIFIMES desde 2014 (Onde atua em atividades de ensino, pesquisa e extensão na graduação e pós-graduação) e professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás desde 1999 na disciplina de Matemática. Atua, ainda, como Docente Permanente nos seguintes Programas: Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Faculdade de Inhumas FACMAIS, Linha 2 Educação, Cultura, Teorias e Processos Pedagógicos; Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Fundação Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul UEMS, Linha 1 Currículo, Formação Docente e Diversidade (Cooperação técnica nº 1038/2019. Publicado no D. O. nº 10038 de 28/11/2019) e do MPIES Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia UNEB (Colaboração Técnica, sem vínculo empregatício), na Linha 2 Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES-CNPq); Colíder do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias Sociais e Desenvolvimento no interior do Amazonas (do IFAM). Associado na ANPED/Nacional. Membro da Comissão Editorial da Revista Científica em Educação da FACMAIS (2020 -); Membro do Comitê Científico da Editora Atena (2019 -); Editor da Revista Científica Novas Configurações Diálogos Plurais (2020 -). Tem experiência na área da Educação atuando no eixo da Diversidade. Atualmente interessa-me pesquisa em dois grupos temáticos: I Processos Educativos: Formação de Professores, Políticas Educacionais, Currículo, Desenvolvimento Profissional, Ensino e Tecnologia; II Estudos Culturais: Identidade, Representação, Gênero, Violência, Negritude, Religiosidade e Cultura. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

VANESSA ALVES PEREIRA- Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (2020). Especialista em Libras – Educação Especial pela FAEL (2019). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (2017). Bacharel em Direito pela FAMP (2018). Atua como docente no Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES e na SEDUC/GO, como professora/intérprete no Colégio Estadual Professora Alice Pereira Alves – Mineiros/GO. E-mail: vanessa.apereira@seduc.go.gov.br.

SONELLAINÉ DE CARVALHO- Especialista em Didática e Metodologia no Ensino Superior (2019) pela FAEC. Licenciada em Letras/Português pela Universidade Federal de Goiás (2003). Licenciada em Pedagogia pela Unicesumar - Universidade de Maringá (2019). Atua como docente na SEDUC/GO, ministrando aula de Língua Portuguesa no Ensino Médio e Coordenadora de Turno no Colégio Estadual Professora Alice Pereira Alves – Mineiros/GO. E-mail: sonellaine.carvalho@seduc.go.gov.br.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bíblia Hebraica 54, 55, 56, 57, 58, 59

C

Confessionalidade 90

Congar 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

E

Eclesiologia 102, 103, 104, 105, 106, 108

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 27, 63, 64, 65, 123, 132, 135

H

Habermas 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118

I

Identidade negra 13, 16, 17, 26

L

Literatura infantil 13, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 27

M

Medellin 102, 106, 107, 108

Morte 28, 29, 30, 33, 34, 35, 39, 86, 109, 110, 122, 125, 127, 130

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 22, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 75

N

Narrativas bíblicas 54, 55, 56, 58, 60

P

Paradigmas 6, 90, 93, 99

Peregrinos 63

Preservação 35, 41, 42, 51, 52, 53

R

Racismo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27

Relações raciais 13, 15, 26, 27

Religião 2, 3, 8, 10, 12, 21, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 40, 41, 45, 48, 78, 81, 83, 84, 86, 88, 89, 97, 109, 110, 111, 112, 113, 118, 127, 135

Restauração 41, 52, 54, 59, 79

S

Santos 16, 19, 21, 31, 33, 40, 63, 66, 67, 68, 69, 73, 91, 104

T

Tempos líquidos 119, 128, 129, 130, 134

Teologia 2, 5, 61, 76, 77, 78, 84, 88, 90, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 121, 133, 135

Tolerância 109

X

Xintoísmo 28, 29, 30, 31, 32, 34

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2